

A IMPRENSA

REVISTA SCIENTIFICA, LITTERARIA E ARTISTICA

DIRECTOR LITTERARIO — Affonso Vargas

| ASSIGNATURA | Publicação quinzenal | EXPEDIENTE |
|---|----------------------|--|
| Lisboa: cada numero, pago no acto da entrega... 300 reis Provincias e ilhas: trimestre ou 6 numeros..... 3000 Brazil (moeda fraca): semestre ou 12 numeros.... 12000 Numero avulso..... 300p | — N.º 71 | Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua da Imprensa Nacional, 81, Lisboa. Assignatura paga adiantada. Artigos recebidos, quer sejam ou não publicados, não se restituem. |

A EXPOSIÇÃO DO PORTO E O TRABALHO NACIONAL

O mais eloquente testemunho e a mais victoriosa resposta que poderíamos dar aos que negam ou apocam o valor da produção portugueza, e as condições de vitalidade que ella encerra, é esta exposição de que nos vamos occupar.

Preparada em meia duzia de dias, abastecida apenas com os productos normaes da laboração commum, sem o engodo dos premios e o atractivo das medalhas, ella representa completamente e conscienciosamente o estado das forças vivas do paiz, e nas suas irregularidades, nos seus primores, e até nas suas lacunas dá bem a nota exacta do que somos, do que fazemos e do que possuímos.

Installada na vasta nave do Palacio de Crystal e em mais dois ou tres annexos, se nem sempre a disposição dos artefactos obedeceu talvez a um plano logico e methodico, ninguém comtudo poderá negar-lhe a feição em geral pratica que felizmente a caracteriza e que, por assim dizer, a torna uma exposição diferente das que até aqui se realisaram entre nós; e pelo seu conjunto harmonico, onde entra até uma certa belleza artistica, tanto como pelos variados elementos que a compõem, não só nos não envergonha, como até pôde ser, sem receio, visitada pelos estrangeiros, que elles mesmos alguma cousa lá terão de admirar tambem.

Começando logo a funcionar com o respectivo catalogo, — phenomeno rarissimo em exposições portuguezas, e não muito vulgar mesmo nas lá de fóra — ella pôde fornecer desde o primeiro dia um fio de condução e de analyse aos que a percorreram, não no mero intuito de espectadores, mas como estudiosos ou como criticos.

E, pois, munidos d'esse catalogo, que nós começamos percorrendo as diversas secções em que ella se subdivide, e passando em claro os n.ºs 1 e 2, que para o nosso caso pouco importam, deter-nos-hemos já perante o n.º 3, marmores e alabastros de Vimioso.

Esta installação, que é simples, despretenciosa em extremo até, representa no entretanto só á sua parte uma grande, uma extraordinaria riqueza nacional, riqueza de tal ordem que, ou nós muito nos enganámos, ou dentro de pouco poderá constituir um dos mais preciosos ramos da nossa exportação.

Da leitura de um folheto que o sr. engenheiro Costa Serrão escreveu, com uma copia de esclarecimentos e uma abundancia de calculos que devem levar a luz do convencimento aos mais incredulos espiritos, deprehende-se que não só os marmores dos jazigos de Santo Adrião são em duas qualidades manifestamente superiores aos de Italia, de 2.ª classe, mas que é talvez possivel que futuras escavações descubram o marmore estatuário, como o de Carrara, já hoje raro n'este ponto, e não existindo mesmo em Saravezza ou em Massa.

O sr. Costa Serrão não se atreve a assegurar que esta variedade «venha a encontrar-se um dia, mas lembra que á medida que a exploração tem avançado em profundidade, a coloração azul, quer das venações, quer do conjunto da massa, diminue rapidamente de intensidade, o que parece indicar que a maior profundidade desaparecerá completamente, deixando os marmores perfeitamente brancos, perfeitamente homogeneos, dotados de translucidez e susceptiveis de polido brilhante, isto é, com todos os caracteres exigidos nos marmores destinados á estatuaria».

E n'esse caso o esclarecido engenheiro diz que se tal indução se realisa, as pedreiras do marmore de Santo Adrião terão então adquirido um valor verdadeiramente excepcional.

Quanto á sua exportação, que poderá vir a fazer-se para diversos centros da Europa, observa o sr. Serrão que até para Inglaterra elle iria em larga escala, visto serem para ali exportados os de Chão de Maçãs, que lhe ficam por um preço superior áquelle por que estes viriam a ficar-lhe.

Isto pelo que respeita aos marmores. Quanto aos alabastros, que são de uma belleza e de uma translucidez notaveis, prestando-se aos mais caprichosos e aos mais artisticos effeitos, empregados quer como elemento decorativo na ornamentação de construcções, quer como auxiliar luxuoso em objectos de mobiliario, elles representam uma riqueza de tal ordem que, se realmente dermos de nós a triste prova de não sabermos explora-la, teremos igualmente provado a nossa incompetencia e o nosso desleixo, tanto mais que, mesmo no ponto de vista puramente mercantil, em poucas emprezas o capital poderá aventurar-se com tantas probabilidades de lucro remunerador e seguro durante um largo, larguissimo periodo.

Felizmente, afixam-nos que se pensa seriamente na exploração dos jazigos de Santo Adrião, e por isso nada mais diremos, limitando-nos apenas a recomendar a leitura do folheto do sr. Costa Serrão, bem como a comunicação que, no ponto de vista científico, o distinctíssimo geologo Nery Delgado já ha tempos fez, e a que aqui mesmo nos parece haver-mos nos referido por occasião da exposição da Avenida, em 1888, onde pela primeira vez vimos specimens dos referidos alabastrós, poisque ambos estes trabalhos dão a quem os deseje esclarecimentos minuciosos e justos sobre o assumpto.

Logo a seguir quasi, no n.º 5, temos os agglomerados de anthracite, expostos pela companhia carbonifera e industrial do Pejão, já conhecidos em Lisboa, que d'elles consome por mez 600 toneladas, e que se nos afiguram dignos do apreço em que têm sido considerados no Porto, séde da companhia, e aqui.

Já ouvimos que ultimamente esses agglomerados têm em parte desmerecido da reputação que iam adquirindo, por desigualdade manifesta com os que primitivamente appareceram no mercado, e até nos insinuaram que os primeiros eram reforçados com residuos de carvão de New-Castle, que agora não tem podido continuar a empregar-se por haver diminuído a vinda d'elle; mas não sabemos o grau de veracidade que taes allegações encerram, e o que sinceramente desejámos é que a má vontade e a má lingua indigenas, tão caracterisadamente fastiantes e pessimistas, não encontrem margem para critica fundamentada.

Varias outras emprezas e companhias expõem ferro, carvão, cimentos e mineraes diversos, dignos alguns de attentões especiaes, mas que nós deixaremos para os especialistas no assumpto avaliarem da sua importancia como valor economico.

Ainda passámos em claro a curiosa exposição de massas de madeira para fabricação de papel, e entrámos na classe 3.ª, substancias de origem vegetal ou animal empregadas nas industrias, nos seus differentes graus de preparação.

Logo um dos artigos exhibidos pelo primeiro expositor nos suggere reflexões de diversas ordens.

Referimo-nos ao casulo de seda, e por consequencia á industria que elle origina.

Como doe e contrasta ver n'esta mesma exposição figurando apenas como ensaios, como tentativas ou como exemplares esporadicos, não se relacionando, portanto, com a riqueza geral do paiz, alguns productos d'essa bella, e quasi tradicional industria das sedas, que um momento brilhantemente floresceu em Portugal, e que a nossa incuria, a nossa ignorancia e o nosso estreito modo de ver deixaram definhar por completo, a ponto de já hoje se haver perdido a lembrança d'esse glorioso periodo!

Quem sabe como de ordinario se trabalhava n'esta industria, não pôde furtar-se a um certo sentimento de desanimo pelos destinos economicos d'este paiz, que tão de coração leve ha deixado sacrificar tudo quanto constituia a sua verdadeira riqueza!

Aqui, porém, a imprevidencia dos homens combinou-se com a fatalidade das cousas, e o resultado é que, ao passo que paizes, onde aliás a amoreira não se dá tão bem como em Portugal, subiam na manu-

factura das sedas, nós fomos descendo, descendo até quasi desapparecermos de todo!

E no emtanto, nada mais digno de fixar a attentção que esta industria! A maneira carinhosa e tocante como o bicho era chocado no seio das mulheres e das creanças, os processos, embora primitivos, mas pittorescos, como se fazia a trama e se urdia a seda, tudo isso de um caracter tão simples, tão caseiro, tão honesto, faz-nos pensar com uma viva saudade n'algumas das praticas d'esses tempos idos, que aos nossos olhos apparecem envoltos n'um nimbo de poetica rusticidade, certamente bem mais encantadora que uma grande parte da pretendida sciencia de hoje, tão torturada e tão transcendente, que até faz medo aos obscuros e desconcerta os humildes...

Como quer, porém, que seja, o que é facto é que a industria das sedas decafu, e novos processos de trabalho, a invenção dos teares mecanicos, a doenca que atacou a semente e ainda outras causas, a que nem o estado nem as corporações locais procuraram a tempo dar remedio, tiveram como resultado o desapparecimento d'esta unidade de combate no terreno das modernas luctas economicas.

Todavia, alguns benemeritos industriaes, armados com essa força de tenacidade que caracteriza os verdadeiros convictos, insistiram, apesar de tudo, e é assim que nós vemos na exposição portuense specimens de producção nacional do artigo, que sinceramente nos agradaram e de que nós occuparemos mais adiante.

Agora queremos referir-nos aos linhos expostos e ás lãs, nos seus diversos graus de preparação, e perguntar se não é realmente possivel, em presença d'estes productos, alimentar a esperança de que ao menos nos vistamos com elles.

Ainda o n.º 54, manteigas, expostas pelo sr. Figueiredo Trinta Junior, nos leva a perguntar se não será tambem possivel fundar no paiz, de vez e a valer, a industria dos lacticinios, permitindo-nos o prazer, já hoje tão raro, de saborearmos verdadeira manteiga de vacca e verdadeiro queijo de leite.

Dizem os que impugnam as nossas utopias, que em Portugal não ha pastos apropriados para fundar em grande essa importante industria, que annualmente nos leva para cima de mil contos, e citamos como exemplo a tentativa que em Lisboa realisou o conde de Penha Longa, na sua bella propriedade d'este nome, tentativa sem resultado, poisque a manteiga, aliás preciosissima, só podia vir ao mercado por um preço de tal forma elevado, que não lhe permitia sustentar a lucta da competencia.

Mas a verdade é que nós nos damos por convencidos, visto que evidentemente este problema não foi estudado em todas as suas faces, e porque não se deve argumentar com productos de excepção, fabricados em condições especiaes de laboração, mas com os artigos de producção normal e commum.

Ora nós não temos elementos para saber se o sr. conde de Penha Longa pensou alguma vez em querer produzir manteiga para o mercado, menos boa evidentemente que a que elle trazia, mas ainda assim rasoavel bastante para poder ser consumida sem escrupulo.

Alem de que, uma empreza que para um capitalista, mesmo opulentissimo como no caso sujeito, pôde

redundar em prejuizo, não é sempre para uma parceria, ou para uma associação, origem das mesmas perdas, e até ás vezes, pelo contrario, proporciona lucros que isoladamente nenhum dos associados lograria auferir.

O que, pois, se deve concluir é que a questão da produção em larga escala da manteiga nacional de diversos tipos é uma questão não para ser posta de parte como insolúvel, mas para ser esclarecida e para ser estudada.

Quanto á pobreza ou á carencia de pastos adequados seria sobremaneira ridiculo se com as leguas de terreno inculco que ha por esse paiz fóra, a sciencia agricola, a geologia, a botanica, a engenharia, não se reputassem habilitadas a transformal-os em prados artificiaes, fornecendo pastos sufficientes para o consumo interno, quanto mais não fosse.

Objectar-nos-hão que isto, que scientificamente póde ser exequível, economicamente se torna impraticavel; mas ainda a isso responderemos que precisamente para taes casos é que serve a sciencia, e assim, ella que estude o assumpto até fazel-o compativel com os recursos de que podémos dispor.

Não se nos afigura que seja materia de tal fórma transcendente, que inutilise os esforços dos que sinceramente a ella queiram consagrar-se.

Pelo que respeita a azeite, que na exposição estava magnificamente representado, é de esperar que o funcionamento de mais uma nova fabrica que a empreza oleicola portugueza acaba de montar, pelos mais recentes systemas, expulsará de todo o que para as fabricas de conserva é importado de fóra, especialmente de Italia.

Em alfaias agricolas tambem a exposição offerencia elementos apreciaveis, seguindo o expositor Antonio Pinto de Magalhães o processo tão methodico e tão claro de indicar o preço de cada artigo; e quanto a instrumentos de precisão os srs. Oliveira Castro, do Porto, e Almeida & C.^a, de Lisboa, apresentavam alguns curiosos specimens.

E eis-nos chegados a um dos capitulos mais importantes da exposição, os tecidos de algodão, lã, linho, etc.

Ocupando um espaço relativamente grande, e indo do n.º 206 ao n.º 259, esta secção merece a demorada attenção dos criticos e dos observadores, e pela fórma elegante e artistica de algumas das suas installações, pela quantidade e variedade dos productos expostos, e muito especialmente pelo bem acabado de quasi todos se não de todos elles, tem jus a uma admiração incondicional e franca, e é a mais demonstrativa prova de como no paiz se póde trabalhar tão bem como no estrangeiro.

São por exemplo notabilissimas: a exposição da companhia de fição de Thomar; a da companhia de fição de Crestuma; a da companhia de fição e tecidos lisbonense; e da companhia lisbonense de estamperia e tinturaria; e da companhia nacional de estamperia e tinturaria, cuja installação é a um tempo de um bello gosto artistico e de uma notavel abun-

dancia de productos; e da fabrica do Jacinto; e a de artefactos de malha do sr. Silva Guimarães, etc.

Em linho, canhamo e outros filamentos especiais-sámos com gosto os pannos de linho da fabrica dos srs. Costa Guimarães, Filho & C.^a, os tecidos de linho e juta da companhia de Torres Novas, a exposição de grossarias da recentissima fabrica dos srs. Vianna & Irmãos, em Vianna do Castello, os artigos apresentados pelo sr. Oliveira e Sá, cabos, cordas, elleias, cordeis e fios diversos; e em lanificios a fabrica dos srs. Campos Mello, da Covilhã; a companhia portugueza de fição e tecidos de lã de Alemquer, cuja installação pittoresca e ligeira attrahe o olhar, e cujos artefactos são da melhor e mais bella fabricação; e os artigos dos srs. Alçada & Mousello, Bebiano, Azevedo Meirelles, Peig, Planas & C.^a, de Coimbra, e outros, attestam os progressos que esta industria tem realiado entre nós nos ultimos tempos.

Com viva alegria citámos tambem a bella e interessante installação da real fabrica de flanellas do sr. Luiz de Almeida, que apresenta artigos de primeira ordem; a companhia manufactora de artefactos de malha, onde vimos camisollas e meias iguaes ao que lá fóra se produz na especialidade, bem como as dos srs. Böhme, Maia & C.^a, e, finalmente, chegámos aos tecidos de seda, onde podemos admirar os productos exhibidos pelos srs. Simões, Mello, Nogueira & Filho, Guerra, Mota, Fonseca, etc.

N'esta classe é curioso o que os srs. Francisco Cabral Paes & Filho, de Moimenta da Beira, dizem a respeito da fição de seda, e que se lê no catalogo.

Expõem estes senhores meadas de seda em rama de que annualmente produzem 300 a 400 kilogrammas, e informam que a materia prima é nacional, advertindo que com direitos protectores na exportação dos casulos, que d'aqui saem quasi livremente, a produção seria susceptivel de elevar-se a 2:000 kilogrammas.

Sabem, porém, os leitores qual é o mercado de consumo para este artigo? E Lyon!

Quer dizer, nós exportámos em rama a base de um artigo que depois temos de importar manufacturada e accrescido com todas as inevitaveis despezas que a sua preparação e confeccionamento origina!

Notam estes expositores «que o baixo preço que a industria nacional de tecidos de seda offerce pelas ramas obriga estas a emigrarem para França, d'onde voltam transformadas em bellos artefactos de seda, aqui depois vendidos ao luxo por elevadissimos preços»; mas não é para lamentar que tal facto, testemunho da nossa imprevidencia e da nossa ignorancia, se dê no paiz que tanto se distinguu d'antes na produção d'este artigo?

Affirmam os srs. Cabral Paes, que se a industria de fição e torção de sedas vivesse, como é natural, e como succede nos demais paizes, ligada á industria nacional de tecidos, auxiliando-se mutuamente, viria ella a ser ainda uma industria florescente, e ambas prosperariam; mas ou o remedio seja este ou outro, o que será uma vergonha é se a enunciação de taes factos não despertar a necessidade de promptamente remediar o defeito que elles accusam.

No emtanto, isto não obsta a que, como atrás apontámos, não sejam muito para apreciar os lenços,

chales, fitas e outros tecidos que alguns industriaes expõem, e que todos denotam como, embora entre o desmantelamento das corporações de officios e o advento dos novos processos de ensino e de produção houvesse mediado um largo periodo de absoluta ausencia de laboração e de exercicio profissional, a aptidão e as tendencias quasi ingenitas do operario portuguez para determinados mesteres é de tal ordem, que elle resistiu á desorganisação que essa soluçáo de continuidade forçadamente representou nos habitos de trabalho e nos usos seguidos, e basta um relativamente curto aprendizado dos novos methodos para o fazer de novo attingir a mesma instinctiva habilidade e a mesma perfeição de trabalho que uma vez o distinguiu, permitindo assim reatar o fio meio quebrado da tradiçáo n'uma industria que tão portugueza foi.

Ainda especialisaremos os velludos, em que os srs. Pimentel & Queiroz, apesar de não terem certamente a pretensão de nos dizerem a ultima palavra, nos dizem, comtudo, mais do que a primeira, como o attestam alguns dos specimens que apresentam, e que considerámos dignos de menção, quaesquer que porventura sejam as imperfeições que n'elles notem os competentes.

Não desejando alongar-nos demasiado, apontaremos ainda os artigos da companhia portugueza de escovas e pinceis, que em qualidade nos parece poderem competir já com os de proveniencia estrangeira; e passando em claro entre alguns productos de valor e demonstrativos da competencia technica e profissional dos que os expõem, outros que sendo verdadeiras puerilidades apenas nos fazem lamentar o tempo que a executal-os gastaram os seus auctores, embora nem sequer discutamos a sua maior ou menor perfeição, e sómente frisemos a sua falta de utilidade e contestemos a sua belleza esthetica, diremos que em pelles e couros com preparo ha na exposiçáo do Porto exemplares dignos de attenção; que são do mesmo modo apreciaveis os artigos de chapelaria e sapataria que vimos, os quaes testificam a justiça das distincções que ambas estas industrias têm já merecido lá fóra, registando aqui com viva satisfacção que a sapataria, que já na exposiçáo de Paris obtivera a mais alta classificaçáo que a esta industria era reservada, alcançou agora para uns industriaes de Vizeu, os srs. Cadetes, a medalha de ouro, na exposiçáo de Napolés de 1801.

Em marcenaria foi para nós uma verdadeira surpresa a maneira como no Porto se está trabalhando.

Quasi todos os expositores d'esta secção apresentam moveis de uma perfeição, de uma elegancia e de uma solidez que nada têm a invejar aos seus congeneres estrangeiros.

As mobílias em thuya, nogueira, pau setim e mogno que vimos na exposiçáo, rivalisam com o que temos visto de melhor; e os srs. Alvaro Coelho, Vianna do Nascimento, Correia de Abreu, e todos quantos em fim lá expõem, e cujos nomes omitimos por ignorancia, podem justamente orgulhar-se de haverem attingido uma elevaçáo nos seus artefactos, que honra a sua educaçáo artistica e a sua competencia technica.

Uma mobília em freixo de Hungria e o sr. Venancio do Nascimento expõe, e da qual faz parte um espelho que é da verdade uma peça de primeira ordem, cremos que mereceria em qualquer parte os encomios de quem a visse.

O sr. Alvaro Coelho apresenta um modelo para sala de jantar de praia ou campo pelo preço de 470000 réis, que é da mais bella simplicidade, e encarrega-se de mobilar uma casa modesta por menos de 100000 réis, com moveis de que vimos alguns exemplares muito recommendaveis.

Do sr. Correia de Abreu citaremos alguns soberbos aparadores, e apontaremos ainda os magnificos bilhaes, segundo os ultimos systemas, não nos lembra de que expositor, e que tambem supportam confronto com os que temos visto estrangeiros, bem como uma mobília em nogueira cujo preço (430000 réis) não é exagerado, em vista do bem acabado d'ella e que o sr. Sousa Fontes expõe.

Em serralheria e fundiçáo são notaveis os artigos da companhia alliança de Massarellos; em pregaria apontaremos os productos da companhia previdente, de Lisboa, com os preços respectivamente indicados, e, finalmente, os diversos artefactos de ferro, zinco, etc. que podémos analysar, mostram-nos o que são os elementos de trabalho de que este paiz dispõe, e como sómente é preciso instruil-os e utilisal-os.

Os cofres de ferro do sr. Almeida, de Lisboa, e do sr. Ferreira Nunes, do Porto, afiguram-se-nos do mais completo que é possivel fazer-se no genero.

Em ourivesaria e prataria basta que se saiba que é o Porto a terra classica d'esta industria para se ajuzar do valor e da perfeição manual de muitos dos productos expostos.

Entre alguns de primeira ordem, que notámos, lembra-nos um formosissimo jarro em prata, e a respectiva bacia de mãos, que um intelligente e dedicado industrial, o sr. José Rosas, teve a bondade de nos mostrar e que honram o artista que os executou.

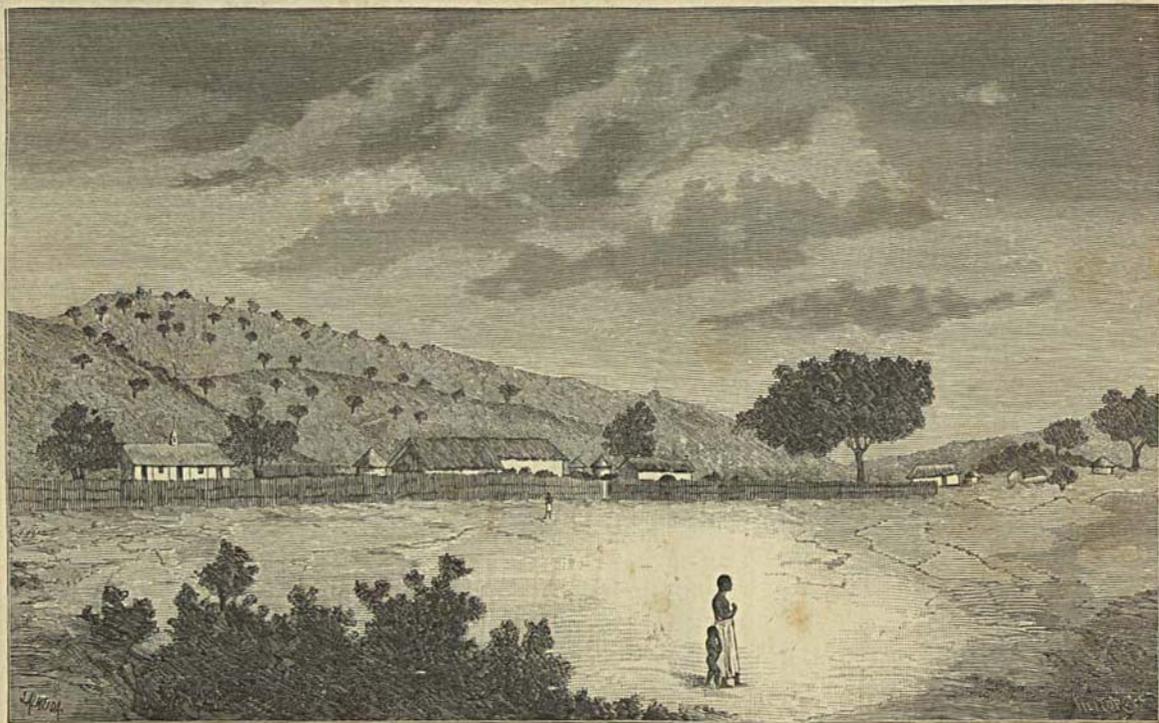
As revelações que a respeito da ourivesaria e da prataria nos fez este senhor, são realmente curiosas por mais de um titulo, e mais de uma vez nos vieram provar como tudo n'este paiz tem andado á matroca, sem direcção, sem estímulo, sem plano e sem critica.

E é por igual curiosa e suggestiva a historia d'este sympathico industrial, filho do seu trabalho, do seu estudo e da sua tenacidade.

Nascido n'uma familia de pequenos lavradores, tendo passado os primeiros annos da sua infancia em companhia das irmãs, que se consagravam á creação do bicho de seda, vindo depois para o Porto encetar a vida e aprender a arte, é dotado seguramente da persistencia dos fortes, conseguiu abrir caminho e fazer o seu logar ao sol.

Sinceramente amante da sua profissão, o que se vê ouvindo-o fallar como nós o ouvimos, este modesto trabalhador é um exemplo vivo das qualidades inestimaveis da nossa raça, quando ao serviço de uma vontade inquebrantavel.

Consolou-nos ouvi-lo, e quando o deixámos pensavamos para comnosco que meia duzia de homens assim em cada officio, em cada classe, em cada ramo



A MISSÃO DE S. JOSÉ DE BOROMA

serião o bastante para mudar por completo a face d'este paiz, tão ricamente dotado e tão tristemente servido...

Precisámos concluir, mas não o faremos sem citar ainda os vitraes do consultorio de engenharia e architectura, os bellos azulejos, lembrando Delft, da fabrica da Fonte Nova, os objectos de ceramica da fabrica das Devezas, as bilhas de Barcellos e de Estremoz, os ladrilhos e mosaicos de alguns industriaes do Porto e de Lisboa, as lousas apresentadas pela Empresa lousifera, etc.

Tambem não devemos omitir as preciosas e formosissimas rendas expostas pela Sr.^a D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, as photographias de Biel, os retratos em louça de Leopoldo Cirne, em pintura os quadros de D. Josefa Greno, D. Fanny Munró, João Vieira, e uma paizagem de Adolfo Nunes; algumas photominiaturas (processo de reproducção em cores de provas photographicas) pelo sr. Lima Carvalho, e os ornatos em talha do sr. Zepherino Pinto.

Para terminar não esqueçamos uma industria nova, a dos vernizes e tintas de impressão, de que tivemos ensejo de ver productos na exposição, saídos da fabrica do sr. Augusto Gama, um activo, incansavel e intelligentissimo industrial portuense, que foi uma das forças da exposição, e que, como vêem, prova o seu amor ao trabalho nacional, trabalhando elle mesmo e fundando uma industria que já hoje — para em poucas palavras dizer tudo acerca da perfeição que attingiu — fornece dos seus artigos o primeiro estabelecimento typographico do paiz, a imprensa nacional, que n'esta mesma exposição apresentava magnificos exemplares da perfeição dos seus productos.

Eis a traços rapidos, mais rapidos até do que projectavamos e desejavamos, o que vimos no certamen do Palacio de Crystal.

Não nos desvanecemos de haver citado tudo nem o melhor; omitimos sem duvida muitos nomes; não nos referimos senão vagamente a algumas industrias, de outras nem sequer nos occupámos, como por exemplo da typographia, que aliás já está brilhantemente representada por mais de um estabelecimento; não fallámos dos vidros nem das porcelanas, e em resumo só muito pela rama tocámos em assumptos que com varias d'ellas se prendiam.

Tendo, porém, cada vez mais pronunciado horror a prolongar n'estas columnas o estudo de certas questões, e não querendo, alem d'isso, repetir o que pouco mais ou menos já aqui dissemos por occasião da exposição da Avenida em 1888, limitámo-nos agora a registar os progressos que algumas industrias nossas conhecidas já haviam realisado, e a saudar as novas.

Partidarios acerrimos e entusiastas do trabalho nacional, confessadamente proteccionistas nos limites do justo, do razoavel e do honesto, e sinceramente convencidos de que só com o aproveitamento dos recursos proprios poderemos sair do barranco em que nos lançaram os erros individuaes e collecti-

vos, tudo quanto tem vindo alentar a nossa fé e enervigorecer o nosso ideal nos alenta na nossa cruzada, causando-nos indizível satisfação.

Alegrámo-nos com a exposição de 1888, alegrámo-nos com a de 1891, e alegrar-nos-hemos com quantas se fizerem por esse paiz fóra, quaesquer que sejam as incorrecções, as deficiencias ou as superfluidades que n'ellas se notem.

No fundo fica sempre um facto aproveitavel e uma idéa suggestiva; tanto nos basta.

Desejaremos, é claro, que estes certamens tomem cada vez mais o caracter pratico que lhes convem, que não visem á espectacularidade, nem alimentem os preconceitos, e sobretudo muito folgaremos que com a sua celebração amiudada todos logremos aprender alguma cousa; mas não nos illudimos suppondo que elles só por si resolvam ou signifiquem tudo, e menos queremos que sirvam á exhibição de industrias exóticas ou de productos esporadicos.

Alguna cousa haverá apparecido n'este genero nos que até aqui se realisaram? É possivel, e não o negaremos, conquanto não vamos tambem esmiuçar-o; mas o que se prova e o que ninguém — absolutamente ninguém — ousará contestar, é que em ambos appareceram elementos serios e solidos de industrias vivas, que convem proteger e fomentar, e documentos irrefragaveis de outras que, apesar de mortas ou quasi espirantes, urge não deixar que exalem o ultimo alento, porque com ellas se irá tambem um pouco do nosso proprio sangue; da nossa propria honra, e sobretudo da nossa existencia social e historica.

Quaes são umas e quaes as outras? Eis o que nós, n'um simples artigo, não temos em absoluto a pretensão de dizer, mas que, embora de relance, aqui mesmo deixámos apontadas, e o que uma commissão de gente seria e competente, que não se deixe levar pelos exageros de nenhuma escola politica ou economica, deve averiguar e decidir.

Haja a coragem nobre de deixar morrer as que realmente e intrinsicamente não podem viver nunca senão uma vida emprestada e rachitica, mas haja igualmente a coragem, não menos nobre e muito mais grandiosa, de proteger, mesmo despoticamente, aquellas que as condições do solo, as aptidões da raça, e as tradições nacionaes mostrarem que não podem, que não devem morrer.

Quanto a essa nenia dolorida com que se pretende lamentar a sorte do consumidor, do *pobre e infeliz consumidor*, lembremo-nos que consumidor que ao mesmo tempo não seja um productor é por todos os titulos um animal inutil.

Só os que ainda não têm forças para a lucta, isto é, as creanças ou os que n'ella as perderam, isto é, os velhos, juntamente com os doentes, constituem excepção a este principio. Os demais têm de ser forçosamente, infallivelmente, consumidores e productores, nem se percebe mesmo como assim não seja.

Ou criem trabalho proprio, ou auxiliem o alheio, ou transformem a materia prima, ou por meio das operações da troca a ponham em circulação, hão de invariavelmente entrar n'uma d'estas categorias; e em verdade a creatura especial e mirifica que nem a uma nem a outra queira pertencer, e que tambem

não seja nem uma creança, nem um velho, nem um enfermo, não merece —sinceramente o dizemos— a compaixão ou o dó de quem quer que seja.

O consumidor, pois, não deve assustar-nos, por que afinal consumidores somos nós todos, e se os chamados livre-cambistas não tivessem na realidade outro argumento para defenderem as suas theorias, não nos parece que podessem considerar-se muito bem servidos só com este.

Em todo o caso a nossa obrigação —pelo que nos respeita— é seriamente auxiliar e fecundar todas as tentativas de regeneração economica da sociedade portugueza, extrahir das exposições que se realisarem e forem realisando o ensinamento que ellas contiverem, e deixar que os que não querem ver se convencam que a era dos exclusivismos passou, e que precisámos unir-nos todos n'uma mesma fé e n'um mesmo ideal, se porventura ainda desejámos salvar-nos, como é natural.

Este solo abençoado em que Deus nos fez ver a luz, tem n'elle riquezas que nós nem ainda sequer soubemos explorar devidamente; se d'elle nos tornarmos indignos, que epitheto merecemos?

Um oureiros no Porto, o mesmo a que já atrás alludíamos, fallava-nos nas minas de prata de Vimioso, e contava-nos que de oiro de Gondomar comprára 10 kilogrammas não havia muito.

Isto é aqui, ao pé da porta; em Africa, em Moçambique, por exemplo, as riquezas que o erudito e serio investigador e jornalista, o sr. Tito de Carvalho, nos tem, nos seus magnificos e interessantes artigos no *Economista*, mostrado existirem, fariam inveja até a povos mais opulentos; e, finalmente, nenhum de nós ignora o que ha por explorar por todo o paiz; mas se não querem acreditar cegamente em taes riquezas —e em absoluto talvez seja razoavel não acreditar— acreditemos ao menos n'uma que todos —mas positivamente todos —temos commosso— acreditemos na efficacia do esforço commum posto ao serviço de uma mesma idéa, e na energia de quatro milhões de vontades, disciplinando-se n'um pensamento unico: o do nosso levantamento social.

Se conseguirmos fazer isto, e não seria difficil, prepararemos senão já para nós, para a geração que agora nasce, um futuro tão brilhante como o brilhante passado que um momento —momento glorioso— nos aureolou na historia.

Todas estas cousas, dirão, a proposito da exposição do Porto? Tudo isto, sim senhores, e ainda mais, se não olhassemos agora para a extensão d'este artigo; tudo isto, e ainda mais, pois era o que nos fervilhava no cerebro e se esboçava como idéas, ao visitarmos, pela ultima vez, esse curioso certamen (de que persistimos em não ver senão o aspecto civilizador e bello), n'uma esplendida manhã de dezembro em que o sol inundava de côr a paisagem soberba do Douro, e punha nas arvores do jardim a alegria musical e communicativa de uma kermesse de luz...

Ah! que se todos nos resolvessemos, e durante um instante, o instante que se vive no espaço e no tempo, tivéssemos juizo e comprehendéssemos onde está a nossa verdadeira força, a que bella alvorada

de uma nova era não assistiria o seculo xx em Portugal!

Succederá assim, ou vasilos de sentido, esses termos de solidariedade nacional, que aliás fizeram a Allemanha e refizeram a França, não acharão emprego entre nós, e os nossos destinos sociaes serão uma nação sem nome, uma sepultura sem epitaphio?

Respondam os philosophos, se é que a philosophia serve para estes casos, enquanto nós iremos persistindo em crer —apesar de tudo— que com certeza não souo ainda nem soará tão cedo a derradeira hora para esta velha terra de visionarios e de Sebastianistas, e que ao contrario o *desejado* está perto, bem perto de nós: — está no nosso braço e no nosso cerebro...

AFONSO VAGAR.

A MISSÃO DE S. JOSÉ DE BOROMA

(Zambezia)¹

Esta missão, fundada ha poucos annos pelos padres jesuitas da Zambezia, na margem direita do Zambeze, e quatro horas a montante de Tete, está situada na base da serra Nhacondi, e na margem esquerda do riacho Mutatizi. O logar é extremamente pittoresco, de alegre e formoso aspecto, assenta em terrenos ferreos, e junto a abundantes pedreiras de jaspe, de que se faz optima cal.

As casas de habitação, igreja, escolas, dormitorios, celeiros e outras officinas tinham em 1888 um aspecto um tanto provisório, mas estavam n'um irreprehensivel estado de ordem e aseo. Todas as edificações estão encerradas em um vasto quadrilatero de tapume de paus, similhando os das aringas, mas mais fraco do que ellas, e só destinado a impedir a aproximação de feras, e a dificultar a de ladroes.

Visitei a missão em 22 de novembro de 1888, e fiquei agradavelmente impressionado com o resultado admiravel já tirado pelos benemeritos padres e seus auxiliares, a despeito das invejas e malquerenças com que os têm por vezes perseguido alguns moradores do districto. Não posso deixar passar esta occasião sem mencionar aqui os nomes dos heroicos e desinteressadissimos obreiros da civilização, que tão respeitosa e amavelmente me receberam na missão de S. José de Boroma, e que tanto têm já trabalhado, Eil-os:

Victor José Courtois, superior da missão da Zambezia superior; João Hiller, parcho de Tete; Estevam Czimmernann, parcho de Boroma; Francisco Bick, professor da escola de Boroma; Francisco Prhioda, irraño da companhia, operario e sacristão.

N'este grupo de homens, onde ha um francez, um austriaco e outros estrangeiros, não ha um unico portuguez!

Em 1888 o prazo Boroma estava sob a influencia do francez Charles Achilles Chastaing, que muito contrariava os missionarios; mas hoje o prazo está nas mãos da missão, o que é muito mais conveniente.

Na margem esquerda do Zambeze, e um pouco a montante de Boroma, está o prazo Inhaondé, que tambem visitei, e onde os padres tinham uma excellente horta. E n'este prazo que existem umas curiosas nascentes de agua quente, que dizem boa para varias molestias, mas que ainda não foi scientificamente analysada ou experimentada.

O pessoal da missão de Boroma soffreu ultimamente algumas alterações. O padre Courtois foi mandado fundar uma missão no districto de Inhambane, o padre Hiller foi, em Tete, substituido por um padre de Goa, e vieram da Europa quatro irmãs para serviço da missão, das quaes uma falleceu antes de chegar lá.

A missão de S. José de Boroma está completamente sujeita á jurisdicção do prelado de Moçambique, não obstante os padres jesuitas serem filhos da casa mãe situada em Graham's town, na colonia do Cabo da Boa Esperança. Muito seria para desejar que se fundassem muitas missões como estas na provincia de Moçambique.

AUGUSTO DE CASTILHO.

¹ Relatório da guerra da Zambezia em 1888. Lisboa, Imprensa Nacional. 4.^o

OS PRIMEIROS JORNAES QUE SE APREGOARAM PELAS RUAS

O nosso prezado collega *Diario de noticias*, de Lisboa, preconiza o facto de ter sido elle o primeiro que se fez apregoar pelas ruas da capital, sendo essa innovação devida ao genio inventivo do seu fundador, o nosso saudoso amigo Eduardo Coelho.

Não é tanto assim. Muitos annos antes de o *Diario de noticias* apparecer, os garotos apregoaram pelas ruas de Lisboa periodicos e outras *folhas volantes*, como então se lhes chamava. Um d'esses periodicos foi o *Clarim Portuguez*, folha absolutista, que teve por epigrapho uma bella phrase extrahida da *Vida de D. João de Castro*, famoso livro de Jacinto Freire de Andrade: «*Nós ajudaremos o pregão nacional com este pequeno brado*».

O *Clarim Portuguez* começou a sua publicação em 1 de setembro de 1826, e findou com um supplemento ao n.º 4, em domingo 17 do referido mez.

N'esse supplemento se declara «que o jornal fica suspenso pela muita guerra que lhe estão fazendo, e mesmo porque a censura não julga opportuna a sua publicação, mas logo que possa levantar-se de novo o seu brado».

Finalisa fazendo ardentos votos pela involvel observancia das instituições religiosas e politicas da monarchia, e pelo affecto e fidelidade aos nossos augustos reis.

Por muito tempo se attribuiu a redacção clandestina do *Clarim Portuguez* a Francisco de Borja Garção Stockler, mas depois veio a saber-se que o redactor d'essa folha havia sido Antonio Vicente Dellanave, que a esse tempo estava redigindo a *Gazeta de Lisboa*. Foi o proprio Dellanave quem se descobriu em uma carta que publicou em n.º 45 da *Estrella Lusitana*, na qual o bom do homem declarou que o *Clarim Portuguez* havia sido o primeiro periodico que tinha aconselhado o infante D. Miguel a que occupasse o throno de Portugal, e que havia defendido abertamente os seus inaufereveis direitos á corôa.

A sr.ª infanta D. Izabel Maria, que hypocritamente se declarou a favor da carta constitucional, mas que, embaida pelas doutrinas fradescas, estava muito longe de perfiñar na sua consciencia o que mandava publicar na folha official, como *fiel observante dos mandados de seu augusto mano o senhor D. Pedro IV*, D. Izabel Maria, fingindo inquietar-se com a venda volante e os pregões das folhas absolutistas, fez em 22 de setembro de 1826 publicar o seguinte decreto, que vamos dar na integra, para comprovarmos o que assim deixámos dito.

Escusado é dizer que esse decreto se referia ao *Clarim Portuguez* mais designadamente do que a outro periodico qualquer:

«Tomando em consideração o abuso com que n'estes ultimos tempos um punhado de malvados têm procurado perturbar a publica tranquillidade d'esta capital e fazer cair em grosseiros erros os ignorantes e incautos com as falsas, sediciosas e subversivas noticias que espalham em publico por meio dos cegos e rapazes que andam pelas ruas vendendo periodicos e folhas volantes impressas, aos quaes fazem lancar

os pregões mais conformes a seus malvados intentos, e annunciar noticias falsas e aterradoras, que se não acham nos impressos que vendem, chegando sua temeridade ao criminosissimo excesso de espalharem por este meio atrozes calumnias contra as pessoas da mais alta jerarchia, a quem attribuem actos e documentos contrarios á fidelidade que todos de vemos ao nosso legitimo rei e meu augusto irmão, o senhor D. Pedro IV, e mais contrario ainda aos puros sentimentos de honra e lealdade que sempre animaram todos os augustos membros da real familia de Portugal; para atalhar de uma vez tão graves males, e evitar assim que não seja por esta fórma illudida a responsabilidade dos editores, redactores, impressores ou vendedores de impressos: Mando, em nome de el-rei, provisoriamente o seguinte:

«1.º Ninguém poderá apregoar diarios, folhas periodicas, ou quaesquer outras folhas volantes nem mesmo folhetos, de qualquer qualidade que sejam, nas praças, ruas e mais logares publicos sem estar para isso auctorisado com uma licença, dada em Lisboa pelo intendente geral de policia e nas terras do reino pelos seus delegados.

«2.º Estas licenças não serão concedidas senão a quem for abonado e affiançado por pessoa conhecida pela sua probidade, e que possua bens de raiz ou algum estabelecimento proprio de commercio ou industria.

«3.º Os que forem achados apregoando serão logo presos, processados e julgados como perturbadores da tranquillidade publica.

«4.º Os que tiverem aquella licença, mas abusarem d'ella, serão presos e detidos na prisão, até se achar que o annuncio ou pregão era conforme ao conteúdo no papel annuciado, e ter mostrado o auctor ou editor d'esse mesmo papel que por elle responda.

«5.º Qualquer official de justiça, e as rondas e patrulhas militares, ficam encarregados de prender quantos acharem em flagrante delicto em transgressão d'este decreto.

«6.º Estas disposições começam a ter vigor desde a data do presente decreto, para o que este será, sem perda de tempo, impresso, affixado nos logares mais publicos e remetido a todas as auctoridades a quem competir.

«José Antonio Guerreiro etc., etc., etc., assim o tenha entendido e faça executar. Palacio da Ajuda, em 22 de dezembro de 1826.—Com a rubrica da senhora *Infanta Regente*.—José Antonio Guerreiro.»

Ora deve notar-se que José Antonio Guerreiro, então ministro da justiça, foi sempre o mais devotado e ferrenho partidista do systema constitucional, tendo mais tarde de emigrar pelas suas idéas altamente liberaes.

Mas o que é para admirar foi o decreto de 22 de setembro de 1826, mandado pôr em execução, depois de implantado o regimen liberal, pela portaria de 20 de junho de 1835, sendo ministro da corôa Rodrigo da Fonseca Magalhães!

SILVA PEREIRA.

Quem directamente ha de viver entra n'este mundo chorando e sie d'ella rindo.

AZURARA.